

# Novas críticas à política econômica

*Paul Krugman diz que alta dos juros e redução dos investimentos vão provocar saída do capital estrangeiro do Brasil*

“Se o Brasil não pode desvalorizar sua moeda com medo de especuladores, não pode usar política monetária ou fiscal para impulsionar sua economia porque isso faria o capital (estrangeiro) ir embora.” A afirmação é do economista do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Paul Krugman, em recente artigo publicado pela revista *Slate*, especializada em eletrônica.

Krugman aponta, ainda, contradições na condução da política econômica brasileira. “Com o país tendo de enfrentar longo período de recessão e deflações, não haveria, em

sã consciência, como apresentar argumentos favoráveis para defender o livre comércio.” Ele completa afirmando que “não se pode dizer ao brasileiro que o protecionismo só redistribui empregos, que não consegue criá-los, porque a verdade é que, nestas circunstâncias, os subsídios manteriam os empregos.”

Em tom simples, irônico e por vezes resabiado, no artigo intitulado “Será a crise econômica uma crise para a economia?”, Krugman questiona logo de início as políticas econômicas dos países em desenvolvimento. A tese do economista é a de que a “crise mundial anda de-

sacreditando as políticas macroeconômicas”.

A partir de exemplos advindos de situações atuais em países em crise — Brasil inclusive —, Krugman diz que nunca, em toda a história da ciência econômica, foi tão difícil convencer o cidadão comum, pouco familiarizado com teorias acadêmicas, da necessidade de políticas macroeconômicas, principalmente as liberais.

Mas o economista do MIT se apressa em dizer que não está prevendo o fim das políticas liberais da economia. Na verdade, Krugman explica que está sentindo descasamento profundo entre as grandes teorias macroeconômicas e as políticas microeconômicas de cada nação.

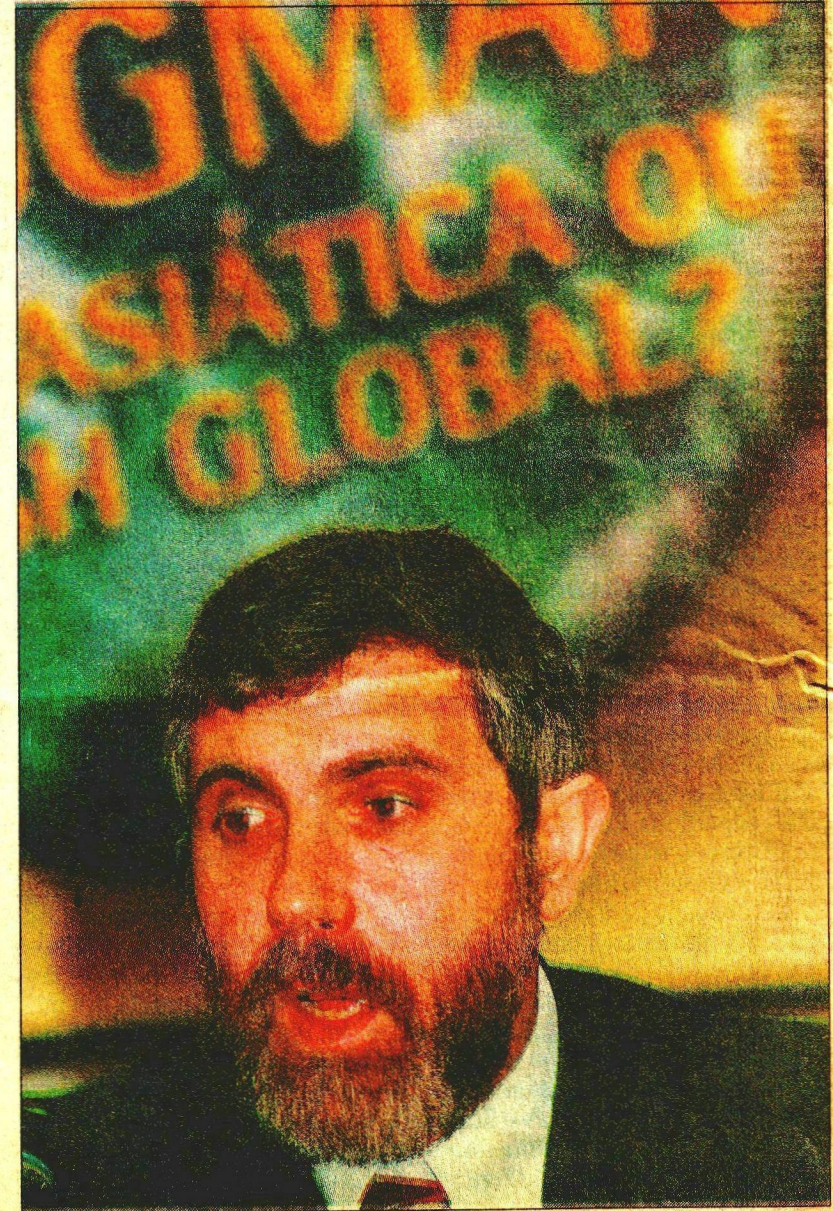
“A análise microeconômica depende da habilidade dos governos de manter o pleno emprego em ní-

veis razoáveis. Se os governos não conseguem — e os economistas não acham modo de resolver os novos problemas macroeconômicos — todo tipo de heresia se torna bastante razoável. E no final isto será desastroso não apenas para a profissão dos economistas, mas para a economia mundial.”

Ainda que pareça ironia, o recado de Krugman é mesmo endereçado aos acadêmicos e profissionais da economia e administração pública. Ele se refere ao recuo dos governos a estratégias que pareciam extintas no mundo, como protecionismo, controle de fluxo de dinheiro, intervenção em bancos e empresas e outras armas às quais os países vêm recorrendo quando suas economias parecem dissolver no ar, como ocorreu na Rússia, no Sudeste Asiático e no Brasil.

No final do artigo, Krugman manda seu recado. É nos períodos realmente difíceis, como as depressões e os pós-guerras, que o intervencionismo governamental mais aparece. Simplesmente porque os liberais e conservadores não são capazes de oferecer saída, dentro dos padrões da economia liberal, para os males econômicos que afligem o mundo. A parte mais interessante é a defesa ardorosa de John Maynard Keynes (“um anátema para os conservadores”). Apesar de defender o Estado participativo, Keynes é festejado por Krugman por ter oferecido soluções e saídas. E Krugman diz que hoje não há Keynes por perto.

Marcos Fernandes 04.04.98



*Krugman: “A crise mundial desacredita as políticas macroeconômicas”*